

WALLISSON SILVA

**EU
NÃO NASCI
PRA SER FELIZ!**

Informações básicas

Capa: Wallisson Silva

Revisão: Wallisson Silva

Produção editorial: Wallisson Silva

Título original: Eu Não Nasci Pra Ser Feliz!

1ª Edição – 2016

Este livro nunca foi impresso. Mas criado como arquivo digital.

Dados do autor

Nome original completo: Wallisson da Silva Nascimento

Nome artístico: Wallisson Silva

CPF: 064998653-97

E-mail: wallisson_sp5@hotmail.com

E-mail: wallisson3128337@gmail.com

Cidade: Parnaíba – PI

É proibida a distribuição gratuita desta obra sem a devida autorização e/ou pagamento ao autor da mesma. Plágio é crime passível de pena criminal.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito do autor.

Dedicatória

Dedico este livro primeiramente a mim, cuja força de vontade ajudou na finalização desta minha primeira obra.

Merece agradecimento também à famosa Carolina Maria de Jesus (que nunca ouviu falar de mim!), autora de um grande sucesso literário, intitulado “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, cuja metodologia foi um pouco “plagiada” por mim (risos).

E, por fim, devo agradecer a minha eterna professora de Língua Portuguesa, Daniela Gomes, a melhor educadora que tive na vida. Poderia dizer “até hoje”, como muita gente faria, mas não. Considero a expressão “que tive na vida” a mais adequada. Apesar de não ser vidente, posso afirmar isso com convicção.

Sei que poderão aparecer na minha vida outros docentes habilidosos como a educadora, mas nenhum deles será capaz de fazer com que eu me prenda ao que chamo hoje de “paixão literária”, ou simplesmente amor à Literatura e aos livros. Isso é algo que já está feito e patentado pela Daniela. Os créditos são todos dela e de mais ninguém.

Um recado

Um pequeno recado ao leitor. Esta obra é baseada em fatos reais. A considero um romance não fictício, biográfico e repleto de memórias do autor, narrador e personagem principal do livro. Optei por preservar o nome de cada um dos meus parentes e conhecidos, para que, caso um dia eu fique famoso, nenhum deles venha reclamar da minha ousadia. As únicas pessoas que terão seus nomes revelados são aquelas que, por pura consideração e respeito meus, merecem aparecer. Como o caso da Professora Daniela que, se não fosse por seu rigor em apresentar ótimas aulas e em me atrair à Literatura, eu com certeza não estaria aqui, dentro deste livro.

Prólogo

São pouco mais de dez horas da noite. Todo mundo da casa onde moro dorme feito uma pedra. Aqui todo mundo dorme cedo. Eu me deito porque não posso ficar mais tempo acordado com a luz acesa, pois o velho reclama. Se fosse por mim, ficaria até mais tarde assistindo televisão. E com a lâmpada acesa, pois não sou muito fã do escuro.

Neste exato momento escrevo, pois inesperadamente me ocorreu uma vontade de escrever. Poderia estar deitado, esperando o sono chegar, mas estou aqui, sentado na beirada da minha velha e encardida rede, com os olhos direcionados à tela do meu Tabletbook, um *tablet* acoplado a um teclado externo. Foi o modo mais barato de eu ter um equipamento para digitar conteúdo, porque não tenho muitas condições financeiras para adquirir coisa mais profissional, entende? Tipo um notebook. É o *tablet* com o teclado e ponto final. Acabou-se.

Adoro escrever. Mas não me acho um escritor profissional. Para falar a verdade, digo que a escrita é muito mais bela nos outros autores do que em mim. É o que penso.

Me interessei pela escrita depois de me apegar ao hábito de leitura. A gente primeiro lê para depois escrever. E foi justamente isso que aconteceu comigo. Leitura para mim é como um remédio ou terapia. Calmante ou relaxante. Para ser mais realista: uma droga. Exatamente, uma droga. Uma droga no sentido de causar-nos vício e

prazer simultâneos, entende? Mas, ao contrário da verdadeira droga, o ato de ler, para mim, só nos leva para bons caminhos.

Vou falar um pouco de mim e do meu hobby, que é a leitura.

Até os meus dezenove anos, o único livro que havia lido se intitula “As Aventuras de Robson Crusoe”, de um autor cujo nome não sei, pois dou mais atenção ao título e ao conteúdo da obra do que ao escritor da mesma. Só decoro nomes quando “devoro” mais de um livro do mesmo escritor, e olhe lá. Não sei dizer, e muito menos escrever, o nome da mulher que criou a trilogia “Cinquenta Tons”.

Pois bem, continuando, estava falando da primeira vez que li um livro. O título já foi citado, mas o autor não, entretanto o motivo é sabido.

O ano era 2010 quando peguei a obra, na biblioteca da minha antiga escola de Ensino Médio, Unidade Escolar José Euclides de Miranda, escola pública, diga-se de passagem, pois nunca estudei em colégio particular. Era uma adaptação para novos leitores, e não a original, que deveria ser mais complexa. Falava de um homem que foi vítima de naufrágio e passou um tempão à deriva na praia, se virando para conseguir alimento e moradia. Têm canibais... quer dizer, índios que praticam rituais para comer carne humana, entende? Isto é denominado Antropofagia, que conceituo como um canibalismo religioso. Só me lembro disso da obra.

Desde quando me apeguei ao hábito de leitura é que procuro o romance, porém nunca o encontro. Já frequentei três ótimas bibliotecas,

a do Sesc Caixeral, a Estadual e a do campus da Universidade Federal do Piauí, e nada do livro. Um dia o encontrarei, é só ter paciência. “E por que não baixar direto da internet? É bem mais prático e rápido!”, é o que provavelmente o leitor recomendaria, provando que temos pensamentos afins. Pois também tive esse raciocínio, acredita?! Pensei em fazer isso, sim, mas não, prefiro mesmo o livro físico. Obra digital só faz mal para a saúde dos olhos, principalmente às pessoas como eu, que passam horas por dia lendo. É por isso que prefiro as folhas de papel.

O ano de 2013 me marcou. É uma data da qual jamais me esquecerei. Foi o ano em que comecei a ler. Ler de verdade, entende? Arranjava livros e os devorava. Não ligava se entendia ou não o conteúdo, o importante é que estava lendo. Trafegando o olhar sobre as palavras que infestavam as folhas de papel.

Devo agradecer a minha ex-professora de Língua Portuguesa, que me estimulou a ler, porém de forma indireta, porque a educadora não sabia que me incentivava a praticar leitura, mas me incentivou. Me estimulou muito. Obrigado, professora! Aliás, Professora Daniela Gomes!

Tudo começou quando troquei de turno. Na época estava estudando durante à noite e, como havia me mudado para uma localidade distante dos bairros centrais e movimentados da cidade, na zona rural, onde ainda resido (pelo menos até o término deste livro),

seria perigosíssimo continuar indo à escola no período noturno, por isso mudei o horário.

Nunca vou me esquecer da primeira aula que tive dela. Quando a docente falou que o aluno, para ser aprovado na sua disciplina, tinha que estudar e ler bastante, fiquei apavorado. Senti uma pressão, entende? Não queria reprovar, pois tinha um pequeno trauma que me atormentava: já havia sido reprovado uma vez, e na disciplina de Língua Portuguesa! Prometi que iria estudar muito, como ela desejava que seus alunos fizessem.

Passava horas e horas por dia lendo conteúdos do compêndio desta matéria. De tanto ler Literatura e Gramática, acabei me apegando aos textos. Por pura coincidência e irresponsabilidade minha, uma grande quantidade de livros públicos que eu não havia devolvido à escola estava ali, debaixo do teto sob o qual durmo todo santo dia. Que maravilha!

Rapidamente me apaixonei pela leitura. Lia mais sobre Literatura do que outros temas de outras disciplinas. Eu tinha um livro de Língua Portuguesa do segundo ano que continha cada conteúdo... Deu vontade de voltar no tempo somente para assistir aquelas aulas que eu havia desvalorizado. Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Lord Byron, Castro Alves, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, Cruz e Souza... quanta coisa eu perdi!

A Comerciante

Como deve ser péssimo acordar em determinado dia com a esperança de dar tudo certo e, sem mais nem menos, quebra a cara. Os problemas vieram logo de manhã. A Tia parece que está em um nível elevado de estresse, e desconta tudo em cima de mim. Acho que é por causa da minha mãe biológica, a qual nunca visitei no asilo para doentes mentais. Se depender de mim, nunca a visitarei.

É uma bela manhã de sábado. Acordei mais tarde hoje porque não vai ter aula. Faço um curso superior a distância, Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Piauí, e os dias letivos geralmente são nos sábados.

Durante a semana acordo às cinco horas da manhã, pois preciso caminhar alguns trechos dos quais não sei dizer ao certo o comprimento. Mas, em se tratando de tempo, levo cerca de 20 minutos de caminhada para concluir o percurso da casa onde moro até o local em que pego o coletivo.

Na localidade onde resido tem um ponto de ônibus muito mais próximo (apesar de ser longe!), porém evito pegar transporte ali, porque não gosto muito das pessoas do condado, e tenho a triste impressão de que as mesmas não gostam de mim. E acho que sei o motivo: sou muito mal falado, mas não direi o porquê, pelo menos não por enquanto... Quem sabe um dia?

O condado a que me refiro é uma região rural conhecida por Lagoa da Prata, no município de Parnaíba-PI. Para ser sincero, nem sei ao certo se moro ali. É tudo muito confuso. A alguns passos da minha casa, no sentido Norte, fica o Igarauçu; se caminharmos alguns minutos para o Sul pode-se estar no Rosápolis; e se nos deslocarmos ainda mais nessa direção, estaremos literalmente na Lagoa da Prata. Na conta de luz da residência tem-se o Igarauçu como bairro, enquanto que no da água existe um tal de “Bairro Urbano”, uma denominação que não tem nada a ver com a realidade, porque de urbano ali somente as casas e o que tem dentro destas. O resto é tudo mato e areia.

Resumindo: eu não sei exatamente onde resido, mas digo que é na Lagoa da Prata.

É importante falar um pouco sobre a minha vida dentro do condado.

Não nasci nessa localidade, graças a Deus. Posso jurar que a maioria dos indivíduos nativos não são muito esforçados e interessados pelos estudos, e não tem o hábito de leitura. Esse é um dos motivos pelos quais me sinto isolado entre os habitantes da localidade, pois sou uma exceção. Uma mosca dentro da sopa. Não me identifico com ninguém da área. Sou um nerd cercado de pessoas desinteressadas pelos estudos.

Moro numa casa simples, mas feita de tijolos. É uma residência ainda em fase de construção e reforma. Possui um quarto com cama, guarda-roupa e umas bugigangas domésticas, onde dorme a Vovó com

seu companheiro, o Avôdrasto. O banheiro é bastante básico: somente uma pia de plástico, o vaso sanitário e um chuveiro no canto. Não há essas coisas de vidro que impedem a água adentrar no resto do banheiro. Acho que chamam isso de box, mas não é certeza. Quem sabe, antes de eu concluir e enviar o manuscrito a uma editora, eu me lembre de confirmar ou corrigir. Continuando. Um espelho simples, do tipo que é encontrado em qualquer loja de baixo custo, mas que dá para ver o rosto todo. Uma grade de se colocar vários rolos de papel higiênico. Duas prateleiras, sobre as quais ficam os sabonetes, pasta e escovas de dentes, shampoo, condicionador, sabão em pó, desinfetante... e acho que somente isso. Só existe cerâmica no chão, a parede é coberta de cimento e cal. E ainda há uns buracos quadrados na parede, para a entrada de ar. Mas não são buracos feitos na parede. Estou falando de tijolos posicionados numa forma diferente do padrão, com o lado dos buracos direcionado para o seu rosto, entende?

A cozinha só tem de luxo apenas a geladeira, o fogão de quatro bocas, um liquidificador e um recém comprado armário, onde ficam alocados alguns utensílios, pois Vovó prefere guardar os mais utilizados no terraço dos fundos, não sei porquê.

Existem duas mesas neste compartimento, uma utilizada para se colocar os pratos, colheres e vasilhames com tempero, óleo, azeite de coco, sal, entre outros; na seguinte podemos observar claramente a garrafa de café, a vasilha de farinha de puba e o pote de fumo, consumido pelos dois idosos. Geralmente é nesta mesa em que me

alimento. A sala é o lugar da casa em que há maior animação, pois é nela onde ficam a televisão, o rádio, a caixa de som e o aparelho de DVD, que não funciona. Quer dizer, funciona mas não funciona. O equipamento liga e acende o visor, entretanto o “pratinho” do aparelho não dá suas caras quando apertamos o botão de “abrir”.

Existe também uma boa mesa de madeira, que fica encostada na parede. É aí onde fico a maior parte do tempo quando estou dentro daquela casa. No geral, fico ali somente durante o período da noite. Pela manhã e tarde não estou lá. Nunca gostei daquele lugar, daquela casa, aliás. Sei lá, tenho a impressão de que não sou bem vindo. Principalmente porque moro de favor, literalmente. Nunca ajudei nas contas, apesar de já ter idade para fazer isso. A residência é do Avôdrasto. Só estou naquela casa porque a velha mora nela, caso contrário... Quando me aparece uma oportunidade de passar algumas horas do dia, ou dias da semana, fora dali, eu aproveito.

Bem, disse onde fico quando estou em casa. Agora vou falar do lugar em que durmo. Vou precisar de poucas palavras, aliás, duas: na sala. É aí onde fica a minha rede, pois sempre dormi em rede, ou seja, fui criado em rede, para ser mais realista. Minhas roupas ficam num cômodo que parece mais um depósito de bugigangas do Avôdrasto. Estão guardadas em uma grande, velha e empoeirada bolsa de viagem, acomodada sobre uma mesa de madeira, trazida da antiga casa do bairro Pindorama. Naquela residência, praticamente todos os móveis são de madeira.

Antigamente eu tinha o bom hábito de arrumar a bolsa, hoje tenho preguiça. Na última vez que fui organiza-la havia algumas baratas nas minhas roupas. Botei, misturados com estas, pedaços de sabonetes como repelente e perfumador, porém não serviu para nada. Acho melhor comprar uma nova.

Nos finais de semana geralmente vou para a casa da Tia, mais popularmente conhecida por Tereza, mas não vou discorrer o nome completo e verdadeiro dela. “Tereza” é somente uma adaptação e apelido. É irmã da mulher que chamo de Mãe Biológica, pois esta é somente minha mãe de sangue. Não vou falar muito desta. Dedico este capítulo somente para discorrer sobre a Tia.

Esta tem uma pequena mercearia e hoje em dia lhe forneço ajuda, como atender os poucos clientes que aparecem ali e a arrumar o grande número de mercadorias para serem vendidas. Não é um estabelecimento comercial grande, tipo um supermercado, entende? Está mais para uma quitanda. Uma pequena sala atulhada de prateleiras lotadas de variadas mercadorias. É um mini supermercado.

Um supermercado dentro de uma salinha, é assim que defino o comércio da Tia.

Também não tem nome. Os clientes o chamam de "lá na Tereza". "Vou lá na Tereza comprar umas coisas", é o que muitos dizem.

Que tal produzir um texto sobre o estabelecimento?

Tenho certeza de que o leitor brasileiro já deve ter ouvido falar do famoso "Minha Casa, Minha Vida", um programa do Governo Federal criado pela política do PT (Partido dos Trabalhadores) para disponibilizar casas de baixo custo à população de classe baixa que não dispõe de recursos suficientes para ter uma residência própria. Basicamente falando, o Governo "dá" uma casa à família, de forma "gratuita", porque as autoridades políticas dizem que não vendem, mas "dá" o imóvel, sendo que o proprietário deve pagar, durante anos, o valor da casa "dada" pelo Governo.

Na minha cidade há um exorbitante número de casas desse programa. Muitas famílias foram beneficiadas pela moradia de baixo custo. Grande percentual de brasileiros, especificamente parnaibanos, conseguiu a tão sonhada casa própria. Existem conjuntos localizados em diversas regiões do município, como no João XXIII, no Broderville e no Joaz Sousa, por exemplo. Outros bairros já estão sofrendo modificações com essa urbanização em massa, como o Igaracu. A casa da Tia se localiza no final do Broderville. É no conjunto Dom Rufino, como é conhecido. No meu enfoque este é o mais bem urbanizado. Tem um grande número de pessoas e as classes sociais não são homogêneas. Encontram-se famílias que têm carro, outras com moto, outras com carro e moto, outras que têm somente bicicletas e outras com tudo isso. Existem casas sem nenhum tipo de transporte, também. A casa da Tia tem um velho carro da década de 80, uma moto atual mas tão descuidada que parece ser do século passado e uma bicicleta do meu

primo, que nunca parece ser a mesma quando estou lá. Ele gosta de trocar bicicletas, acho.

Considero a Tia como uma verdadeira sortuda. Recebeu uma casa de ótima localização. Está na esquina, tem ponto de ônibus na frente, possui alguns pés de árvores plantados antes dela chegar e se localiza na rua mais importante do conjunto, conhecida pelos moradores da área como Rua Principal, mas tem outro nome, que não sei qual é.

Sempre a escuto falar que, quando começou a morar ali no conjunto, não havia nada de comércio. O estabelecimento dela foi o primeiro de todos os existentes atualmente. Hoje em dia parece que em cada esquina há uma mercearia, bar, padaria ou lugar de vender frutas e verduras. Se a Tia tivesse alguma instrução sobre como administrar um negócio, com certeza estaria numa vida melhor do que a atual. Ela vive reclamando que está atolada de boletos para pagar e não entra dinheiro no caixa e, quando isso acontece, é pouco rendimento.

- No começo tirava 100, 200, 300, 500... por dia. Hoje é só uns troquinhos. No domingo é que dá para se tirar alguma coisa, pois se vende muita bebida e carne. A venda tá muito fraca.

Isso é o que frequentemente a escuto reclamar. Mas acredito que a culpa é toda dela e de sua má administração. Se ela tivesse usado os lucros iniciais para, sei lá, construir um estabelecimento maior ou aumentar o espaço da sala... Na minha opinião um cliente gosta de comprar em estabelecimento bem estruturado, entende? Com bom espaço. A aparência é sempre importante. Mas não, a Tia “nunca”

modificou nada. Gastou os primeiros lucros para comprar coisas a fim de enfeitar a casa, como TV LCD, guarda roupa, camas, micro-ondas, armário... Hum, só podia dar nisso mesmo. Quando se monta uma empresa deve-se focar literalmente “na” empresa. A Tia tinha tudo para ter o melhor comércio do conjunto, pois, como dito anteriormente, a casa é privilegiada.

Pode-se encontrar ótimos estabelecimentos na região, com boa estrutura, cujos donos iniciaram o negócio tardiamente, em comparação com o da Tia, que foi a primeira microempresária dali. Falando nisso, digo "microempresária" apenas como metáfora. Na realidade não a vejo como uma empresária, mas como revendedora. Ela compra produtos de supermercados e os revende no seu comércio e, em troca, recebe brindes, que são os pequenos lucros adquiridos.

A Tia não tem jeito para esse negócio (risos). A única coisa que ela sabe fazer é atender a clientela e aumentar os preços dos produtos para revenda. Mas num negócio como esse não basta fazer somente isso?! Não, não basta. A Tia tem a mania de comprar coisas desnecessárias que servem mais para ocupar espaço como, por exemplo, diferentes tipos de marcas de determinado produto. Acho isso incorreto, porque o local já é pequeno... Sem falar também que no mesmo funciona apenas uma pequena mercearia e não um supermercado. Já pensei várias vezes em falar isso a ela, mas penso nas respostas ignorantes que receberia. Pois a mulher é muito ignorante quando quer e quando está em dias de estresse, que lhe ocorre toda vez que estou lá.

Ôh mulher que reclama! Parece que não se satisfaz com nada. Para qualquer errinho cometido, recebo um “carão” como se tivesse feito uma burrada séria. Se vendo um produto que custa três reais e cinquenta centavos a um preço menor, tipo dez centavos a menos, ela reclama. Que culpa tenho eu, se não havia preço na embalagem?! Vendi a mercadoria pelo valor que era da última vez em que eu estava ali atendendo, isto é, na semana passada! A culpa é da crise econômica que todo dia aumenta os impostos. Eu não tenho culpa de nada... Nada!

Outro problema são as sacolas. A Tia reclama porque não sei utilizar as sacolas do jeito que ela quer. Às vezes, segundo ela, uso várias sacolas para colocar poucos produtos. Eu tenho culpa de as sacolas serem de péssima qualidade e rasgar frequentemente?! NÃO!, eu não tenho culpa de nada.

Tem dias, quando a comerciante faz as compras, estas ficam acumuladas na sala, ocupando boa parte do pouco espaço disponível. Fico pensando: "é melhor eu arrumar essa bagunça, pois ela odeia bagunça". Vou lá e começo a organizar os produtos na prateleira. Quando vê a atitude voluntária e solidária, a Tia mete bronca:

- Não é para mexer em nada, nada! Vou colocar os preços primeiro! Não mandei ninguém organizar nada!

Teve um dia no qual, em vez de organizar as mercadorias, decidi deixar estas onde estavam, pois me lembrava das reclamações. Passadas algumas horas, a Tia falou:

- Ai, minha nossa senhora! Valha-me Deus! Pra quê que serve esses ajudantes se não ajudam em nada, nada! Nem coragem de arrumar as coisas na prateleira tiveram!

Uma vez, completamente na dúvida se podia ou não arrumar as compras, me dirigi a ela e perguntei se deveria organizar os produtos. Com a maior ignorância e como se quisesse me comer, ela disse:

- Não é pra mexer em naaada, tem que colocar os preços! Ainda vou olhar os comprovantes! Toda vez eu digo isso! Toda vez! Toda vez!

Outra vez fiz a mesma indagação e a Tia respondeu, na maior calma:

- Coloca, pode colocar. Aquelas coisas que já tá lá tu bota na frente e as novas coloca atrás.

Me lembro de outra vez em que perguntei a mesma coisa e a Tia replicou, com a maior ignorância:

- Não é pra mexer em nada, naaaaada! Toooda vez eu digo isso: ainda tenho que colocar os preeços! Quando é pra colocar, ninguém se interessa pra fazer! Fica aí, um “monte!” de compras dentro de casa, e não há “um santo” que tem coragem de organizar! Passa por cima mas não arruma as coisas!

Vai entender a cabeça da Tia...

Falei tanto da mulher que o leitor é capaz de acreditar que só existe ela e seu comércio. Mas não. A comerciante é “fantasialmente” casada com o homem que denominarei de Pai, com quem tem um filho,

que aqui tem o nome de Filho. A Tia também tem uma filha de um outro relacionamento, a Prima, que não mora na casa: já arranhou um modo de viver de forma independente e um companheiro. Os dois moram juntos em outro conjunto de casas. É difícil a gente se ver.

É mais relevante falar sobre o Pai e o Filho. Eles não se dão muito bem e a culpa é mais do segundo do que do primeiro. Meu primo está naquela fase adolescente que dá trabalho para os pais, entende? Escuta muito Reggae, Funk e Rap. Se veste como um “mala” e tem comportamento de “mala”. Parece um “mala”, aliás. Gosta de andar mais na rua com os amigos do que ficar em casa ajudando a mãe. Esta vive paparicando o jovem, aliás. A Tia é machista, entende? Ela acha que, só porque o menino é homem, o garoto deve sair, andar na rua, pegar mulher, se divertir... O Filho se acostumou a esse tipo de criação e ficou do jeito que é hoje em dia: solto, muito solto e livre. A liberdade dada pela mãe o fez se interessar por amizades que não dão em nada. Gosta de fumar cigarro e maconha. É fã de armas, principalmente pistolas. No celular da Tia, que ele trata como se fosse dele, encontra-se muitos vídeos e fotografias relacionados à fabricação de armas de mentirinha. Acho que, se morasse nos Estados Unidos, o Filho ou seria um empresário de armas ou trabalharia numa loja desse tipo ou, então, teria uma casa repleta de armamento. A mesma coisa em relação à maconha.

Entretanto, apesar desse comportamento rebelde, o considero um cara da boa, que não mexe com ninguém, “e” respeitador. O

considero também meu irmão de criação, pois crescemos na mesma casa. Apesar de se vestir como “mala” e de gostar de coisas relacionadas à maconha e a armamentos, o jovem não tem o “temperamento” e, muito menos, a “personalidade” de bandido, e isso é muito importante. Tenho a impressão de que isso seja apenas uma "fase". Atualmente ele está interessado em um curso de frentista, pois meu primo quer ser frentista. Vagabundo não quer nada da vida e o Filho parece que quer muito dela. Graças a Deus por isso.

Agora é hora de falar do Pai.

Por ser pai do meu primo, bem que eu poderia chama-lo de tio, mas não o faço, não sei porquê. Ele é o segundo, acho, companheiro da Tia. Antes dele, a comerciante se envolveu com outro homem, união esta que resultou no nascimento da Prima. Meus dois primos são irmãos somente por parte de mãe.

Não vou falar como o Pai e a Tia se conheceram porque falta informação. Ah, sim! Me lembrei: a Tia é negra; o Filho é claro, mas não muito branco; e o Pai é branco, do tipo que fica vermelho quando pega muito sol.

Somente para acrescentar: minha prima e eu somos negros. Mas não muito escuros. Somos amarronzados. A Tia e a Vovó são mais pretas do que eu. O Avôdrasto é branco que nem o Pai. Para falar deste necessita-se de poucas frases. Vamos lá.

Tem um grande terreno que não é dele, usado como "fazenda" e está localizado na Lagoa da Prata propriamente dita. Há várias galinhas,